

# Da “casa da Marlene” para universidade: uma análise sobre as pedagogias negras

*João Alipio Cunha*<sup>1</sup>  
*Rafael Moreira Serra da Silva*<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Neste artigo, propomos analisar a biografia da antropóloga negra Marlene Cunha. Primeiro, discutiremos o seu papel de liderança no Grupo de Trabalho André Rebouças - GTAR, organizado entre a década de 1970 e 1980. Em seguida, debateremos a influência dessa antropóloga e do GTAR na fundamentação de pedagogias no coletivo negro Marlene Cunha do Museu Nacional, criado no ano de 2017. Objetivamos com isso refletir sobre os desafios dos estudantes negros na universidade, durante a ditadura militar e o regime democrático.

**Palavras-chave:** ações afirmativas; democracia; ditadura; Marlene Cunha; GTAR.

<sup>1</sup> Doutorando em Antropologia Social no Museu Nacional / UFRJ. Mestre em Antropologia Social no Museu Nacional / UFRJ, Especialização em Educação e Relações Étnico Raciais, Licenciatura plena no curso de Turismo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Licenciatura em História pela Universidade Federal Fluminense. Integrante do Coletivo Negro Marlene Cunha.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS/MN/UFRJ). É mestre em Antropologia Social pela Universidade de Santa Catarina (UFSC). Possui licenciatura em Ciências Sociais e bacharelado em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB).

## From “Marlene's house” to university: an analysis of black pedagogies

**Abstract:** In this article, we propose the analysis of the black anthropologist Marlene Cunha biography. First, we will discuss her leadership role in the Grupo de Trabalho André Rebouças - GTAR, organized between the decades of the 1970 and 1980. Subsequently, we will debate the anthropologist and the GTAR influence in the theoretical ground in the black collective Marlene Cunha of the National Museum, created in 2017. Our aim is to reflect the black student challenges in the university, during the dictatorship and democracy.

**Keywords:** affirmative actions; democracy; dictatorship; Marlene Cunha; GTAR.

## De la “casa de Marlene” a la universidad: un análisis de las pedagogías negras

**Resumen:** En este artículo nos proponemos analizar la biografía de la antropóloga negra Marlene Cunha. Primero, discutiremos su rol de liderazgo en el Grupo de Trabajo André Rebouças - GTAR, organizado entre las décadas de 1970 y 1980. Em seguida, discutiremos la influencia de esta antropóloga y el GTAR en la fundación de las pedagogías en el colectivo negro Marlene Cunha del Museo Nacional, creado en 2017. Nuestro objetivo es reflexionar sobre los desafíos de los estudiantes negros en la universidad, durante la dictadura militar y el régimen democrático.

**Palabras claves:** acciones afirmativas; democracia; dictadura; Marlene Cunha; GTAR.

*O presente trabalho resulta de acontecimentos na minha vida sem cuja narração esta pesquisa sofre solução de continuidade. No relato dos fatos que me mobilizaram para desenvolver esta tarefa, situo as dificuldades e os estímulos que encontrei para a sua realização. No curso de Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense foi possível prever que encontraria respostas às indagações que surgiram pela minha condição de mulher negra frente às pressões e obstáculos que se colocavam a minha determinação de romper com o status quo da família negra à qual pertencço: nas camadas subalternas do estrato social. (CUNHA, 1986: 10)*

**A** epígrafe acima é de autoria da antropóloga negra Marlene Cunha. Trata-se de um trecho que abriu a sua dissertação chamada "Em busca de um espaço: a linguagem gestual no candomblé de Angola", defendida na Universidade de São Paulo (USP) no ano de 1986<sup>3</sup>. Neste artigo, discutiremos a trajetória intelectual da Marlene Cunha dentro do campo das relações raciais e a conexão da autora com o Grupo de Trabalho André Rebouças (GTAR), primeira organização estudantil negra universitária, organizada na Universidade Federal Fluminense (UFF) entre as décadas de 1970 a 1990<sup>4</sup>. Ao mesmo tempo, analisaremos as contribuições da pesquisadora e do GTAR para organização do coletivo Marlene Cunha, formado por um conjunto de pós-graduandos negros em antropologia social do Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ), no ano de 2017. Apresentaremos ainda algumas estratégias de combate ao racismo e pedagogias negras desenvolvidas no regime militar e na democracia, após a implementação de ações afirmativas nas universidades públicas brasileiras.

Como discutiremos, é possível imaginarmos a conexão entre a obra da Marlene Cunha e ações do coletivo homônimo no Museu Nacional, uma vez que no Brasil existe uma estrutura racial de longa duração que dificulta o acesso da população negra a universidade pública (CARVALHO, 2007; FONSECA, 2009). Em geral, as trajetórias dos acadêmicos negros no Brasil são marcadas por histórias de exclusão e discriminação que atravessam gerações, como mostra a própria biografia da Marlene Cunha.

CUNHA, João Alípio; SILVA, Rafael Moreira Serra da.  
Da "casa da Marlene" para universidade

<sup>3</sup> Neste trabalho não trataremos da pesquisa de Marlene Cunha no campo da antropologia das religiões-afro-brasileiras. Tema que já foi explorado por nós em outros artigos (CUNHA, 2018; CUNHA, 2021b).

<sup>4</sup> O GTAR foi fundado no ano de 1975 e registrado em cartório no ano de 1978.



Imagem 1: Marlene Cunha ocupando a terceira fileira (de baixo para cima), quarta estudante à direita, durante a formatura do magistério. Autor desconhecido, 1974. Fonte: Acervo Marlene Cunha.

Esta pesquisadora foi a primeira integrante de sua família a ingressar na universidade pública. Na infância, ela morou no morro da Mangueira e posteriormente mudou-se para a cidade de Niterói, ambos no estado do Rio de Janeiro. O primeiro contato de Marlene com a academia ocorreu ainda na década de 1970, através dos seus pais que exerciam serviços gerais na UFF e na UFRJ. Eles foram não somente os principais incentivadores para a realização dos seus estudos, como para sua atuação política, dado que as reuniões de ativistas e estudantes negros ocorriam justamente na casa dos pais da pesquisadora.

### A “casa da Marlene”<sup>5</sup>

A pesquisadora Marlene Cunha ingressou na graduação da UFF em Niterói na década de 1970. Foi nesse período que ela conheceu Beatriz Nascimento, uma historiadora negra que se tornou uma grande companheira e parceira de pesquisa acadêmica (NASCIMENTO, 2020: 253-63). Marlene Cunha credits a Beatriz Nascimento o seu processo de introdução no debate racial e de autoconhecimento enquanto mulher negra no Brasil: “Tivemos longas discussões que me auxiliaram a esclarecer algumas questões básicas nas relações raciais no Brasil. Ela mostrou-me, através de sua experiência de vida, o que significa ser negro numa sociedade que discrimina e nega a existência desse indivíduo” (CUNHA, 1986: 7).

Na década de 1970, a parceria de ambas as intelectuais negras foi solidificada nas reuniões no Centro de Estudos Afro-Asiáticos - CEAA, sediado no Centro Universitário Cândido Mendes, no Rio de Janeiro<sup>6</sup>. Nesse local, aconteciam atividades e grupos de estudos formados por militantes, ativistas e estudantes universitários negros, com o intuito de debater a questão racial. Foi nesse período que o

<sup>5</sup> Aqui empregamos aspas por tratar-se de uma classificação dos membros do GTAR.

<sup>6</sup> O CEAA foi fundado no ano de 1973 e teve como vice-presidente o historiador José Maria Nunes Pereira.

centro de estudos se constituiu como um dos principais espaços de pesquisa, possuindo um importante acervo bibliográfico sobre a questão racial (ALBERTI e PEREIRA, 2007).

Os encontros do CEAA contribuíram diretamente na formação de organizações negras estudantis durante o regime militar, podemos citar alguns exemplos: a Sociedade de Intercâmbio Brasil - África (SINBA), o Instituto de Pesquisas da Cultura Negras (IPCN) e o Centro de Estudos Afro-Brasileiros (CEAB). Nesse período, ocorreram ainda encontros de estudantes negros de graduação com a participação de Beatriz Nascimento, que resultou posteriormente no desenvolvimento de uma “Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Sociedade Brasileira”, na universidade pública. (GOMES et al., 2015)

Nota-se que no regime militar os estudantes negros experienciavam constantemente censura e vigilância no espaço acadêmico, uma vez que o Estado e parte da universidade defendia a democracia racial. Dessa forma, os primeiros encontros dos universitários que se reuniam no CEAA ocorreram por volta de 1975, fora da universidade. Essas reuniões, classificadas como clandestinas pelo governo, foram fundamentais no processo de formação de afetos, amizades e diferentes laços entre esses jovens, que enfrentaram inúmeras barreiras para introduzir o debate sobre as relações raciais nas universidades brasileiras (RATTS, 2006, 2011).

Diante da conjuntura política desfavorável e da falta de acolhimento na universidade, ocorreu a mudança das reuniões para casa de Marlene Cunha, um ambiente mais seguro e que era razoavelmente próximo à UFF. Durante uma década, as reuniões ocorreram na casa da pesquisadora, que vivia de maneira humilde com a sua família. Esse local serviu ao mesmo tempo como um espaço de acolhimento e proteção dos estudantes negros, que fundaram o GTAR<sup>7</sup>. Chama atenção ainda a participação dos irmãos da Marlene Cunha e da sua mãe, a “dona Elydia”, na qualidade de moderadora das reuniões, como afirmou Sebastião Soares, um dos membros fundadores do GTAR, em entrevista para Sandra Silva:

Na casa da Marlene, era como se você estivesse na minha casa [...] E essa organização familiar fazia com que em alguns momentos [...] um ou outro quisesse se exaltar. A própria intervenção da mãe, do irmão, da irmã: "Vocês estão gritando por quê?", "Vocês estão conversando ou brigando?". (SILVA, 2018: 51)

A participação da dona Elydia nessas reuniões foram elos importantes na formação do GTAR e para criação de um ambiente de acolhimento e aprendizagem envolvendo familiares da pesquisadora e estudantes<sup>8</sup>. Foi através dessa interação que se possibilitou o fortalecimento do grupo estudantil e a formação de uma pedagogia negra de ocupação do espaço universitário. Durante um evento no Museu Nacional, Sebastião Soares (comunicação pessoal, 8 de novembro de 2017) afirmou que as reuniões na “casa da Marlene” foram fundamentais na sua formação acadêmica e militante, uma vez que permitiu-lhe vivenciar na prática uma rede de acolhimento, negociação e solidariedade negra.

Além de ser um espaço de acolhimento, a “casa da Marlene” se tornou um “circuito de reciprocidade” (RABELO, 2014), isto é, de compartilhamento de angústias, histórias e refeições coletivas envolvendo os estudantes. Essas ações foram fundamentais na elaboração pedagógica do grupo que possibilitou a criação da semana de estudos. Após a institucionalização do GTAR, Marlene Cunha foi a

<sup>7</sup> Alex Ratts (2011) definiu o GTAR como um tipo de “movimento negro de base acadêmica”.

<sup>8</sup> A escritora e mestra em educação pela UERJ, Janaína Vianna, publicou no ano de 2021 o conto “Lições ancestrais de vó Lidia”, sobre a mãe de Marlene Cunha. Ele foi publicado no livro “Velhas sábias - tributo às que vieram antes de nós”, que conta histórias ancestrais de mulheres brasileiras.

primeira a assumir a presidência, permanecendo no cargo até 1983 e a sua casa passou a ser a sede oficial do grupo. Nesse período, a “casa da Marlene” transformou-se num ponto de encontro de inúmeras lideranças negras e pesquisadores das relações raciais.

## Os encontros na universidade

As Semanas de Estudos do GTAR foram talvez as primeiras iniciativas na universidade pública brasileira, que possibilitaram um frutífero debate envolvendo pesquisadores brancos e negros, inclusive estrangeiros. Podemos citar dentre os intelectuais que participaram dos eventos: Beatriz Nascimento, Eduardo Oliveira e Oliveira, Deoscóredes M. dos Santos (mestre Didi), o antropólogo norte-americano Michael Turner, Carlos Hasenbalg, Juana Elbein, Peter Fry etc.<sup>9</sup> Esses encontros aconteceram entre os anos de 1975 até 1995 e resultaram na produção de quatro cadernos de estudos, folhetins, artigos acadêmicos, teses e livros.

Como destaca, João Alípio Cunha (2018), a organização dos debates universitários, visaram dar visibilidade ao negro e a temática racial. Esses encontros se tornaram também canais de comunicação das demandas dos estudantes negros para comunidade acadêmica, a exemplo da proposta de mudança curricular em cursos específicos:

Na realização das semanas de estudos o grupo de alunos negros universitários tiveram como propósitos: introduzir gradualmente na universidade, créditos específicos sobre as relações raciais no Brasil, principalmente, nos cursos que abrangem as ciências humanas; tentar uma reformulação no programa de Antropologia do negro brasileiro, no Instituto de Ciências Humanas e Filosofia; atualizar a bibliografia no que diz respeito ao assunto adotado pelo corpo docente e discente da universidade e estabelecer contato entre os professores que desenvolvam teses sobre relações raciais fora da UFF com o corpo docente do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. (CUNHA et al., 1979: 3-4)

Nota-se que os integrantes do GTAR utilizaram as semanas de estudos como um instrumento de mobilização em favor da reorganização curricular no Instituto de Ciências Humanas da UFF, pautando a reformulação de disciplinas como a “Antropologia do negro brasileiro”. Estas reivindicações partiam de críticas sobre o eurocentrismo acadêmico e da forma pela qual os docentes abordavam o negro na sociedade brasileira. Como salienta Silva (2018), o GTAR nessa época exerceu uma dupla pedagogia. O grupo estava engajado na constituição de um campo de estudo sobre as relações raciais no meio acadêmico ao mesmo tempo, que na formação de intelectuais negros.

É importante ressaltar que uma parte significativa da pedagogia desenvolvida nos seminários teve a contribuição direta do sociólogo Eduardo Oliveira e Oliveira. Ele utilizou na organização dos seminários na UFF um conjunto de dinâmicas que aprendeu com outros pesquisadores de universidades negras norte-americanas, como a Howard University, em Washington (TRAPP, 2018). Esse pesquisador auxiliou também na seleção de pesquisas e textos que poderiam compor as semanas de estudos. Como relatou Sebastião Soares (comunicação pessoal, 08 de novembro de 2017), Eduardo Oliveira e Oliveira era altamente rigoroso e cobrava constantemente a leitura dos textos por parte dos integrantes

<sup>9</sup> Ver a dedicatória do Carlos Hasenbalg ao GTAR no livro *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*. Sobre as Semanas de Estudos do GTAR, ver FRY et al., 2012.

do GTAR. Ele imaginava que, dessa forma, os integrantes poderiam fazer colaborações qualificadas durante os eventos, mostrando a importância do debate racial na universidade.

No ano de 1979, Marlene Cunha articulou o apoio da Fundação Ford para o GTAR, instituição que passou a investir nas atividades da organização.<sup>10</sup> Um ano antes, o historiador negro norte-americano J. Michael Turner, então representante da Fundação Ford no Brasil e que lecionou durante um período o curso de História da África na Universidade de Brasília (UnB), participou de um evento do GTAR na UFF que contou inclusive com a participação do reitor da instituição, Sebastião Tavares Cardoso.<sup>11</sup> Estas parcerias iluminam a qualidade de Marlene Cunha como articuladora acadêmica e política, uma vez que ela intermediou uma série de contatos no Brasil e no exterior que fortaleceram as atividades do GTAR. Por outro lado, essa capacidade da pesquisadora de estabelecer relações amplas é notória, como vimos, desde as reuniões organizadas ocorridas na casa da sua mãe, envolvendo diferentes estudantes e os seus familiares.

Baseado no trabalho de Édouard Glissant (2010), é possível pensarmos o protagonismo de Marlene Cunha como uma forma de “poética da paisagem”, isto é, uma forma criativa de enfrentar a repressão que sofriam dentro e fora da universidade, através da produção de uma linguagem própria capaz de produzir efeitos sobre a paisagem acadêmica, majoritariamente branca.<sup>12</sup> Essa poética funcionou como uma forma de resistência ao eurocentrismo acadêmico, apontando o protagonismo dos sujeitos negros. Discutiremos a seguir, a importância dos estudantes na sistematização do campo das relações raciais no Brasil através de um conjunto de cartas enviadas pelo Eduardo Oliveira e Oliveira para Marlene Cunha e outros arquivos da pesquisadora.

## O acervo da pesquisadora

No acervo pessoal de Marlene Cunha existem inúmeras cartas, entrevistas, fotos e documentos sobre a história do GTAR<sup>13</sup>. Nesta seção discutiremos algumas correspondências desse acervo que permitem traçar conexões desse grupo com intelectuais na região nordeste e sudeste do Brasil<sup>14</sup>.

A primeira carta enviada por Eduardo Oliveira e Oliveira à Marlene Cunha foi em 7 de abril de 1976. Nesse documento, ele relatou problemas de saúde e uma árdua rotina de trabalho. Ele então pediu desculpas pela demora na resposta e solicitou informações sobre a próxima semana de estudos: “Tenho inúmeras atividades a cumprir por cá em São Paulo no mês de maio, começando por dez dias de estudos dedicados a Roger Bastide, com representantes internacionais”. No final da carta, ele comentou brevemente sobre um evento em São Paulo no dia 13 de maio.

Na segunda correspondência, escrita no dia 05 de maio de 1976, ele narrou uma série de encontros em Campinas e São Paulo que ocorreriam em homenagem

<sup>10</sup> Como comentou Sandra Silva (2018: 49) acerca da parceria com a Fundação Ford: “Esta âncora teve várias dimensões, como a preocupação com o rigor acadêmico, a postura não só dentro do espaço hostil ao corpo negro, mas também junto mesmo a própria militância”.

<sup>11</sup> J. Michael Turner desenvolveu pesquisas sobre movimentos negros e grupos culturais entre as décadas de 1970 e 1980 no Rio de Janeiro e em Salvador. Ele também participou no processo de luta pelas cotas raciais no Brasil. Sobre a biografia de J. Michael Turner, ver: <https://www.geledes.org.br/hunter-mourns-the-passing-of-j-michael-turner/>. Acessado em maio de 2021.

<sup>12</sup> Empregamos essa noção com base na produção teórica e pedagógica elaborada pelo GTAR, que permitiram a sistematização e circulação de ideias novas sobre a temática racial no Brasil.

<sup>13</sup> O material consultado da Marlene Cunha pertence ao seu filho João Alípio Cunha, que é um dos autores deste artigo. O acervo físico foi acessado entre os meses de abril e junho de 2021.

<sup>14</sup> As correspondências seguem em anexo no artigo.

a Roger Bastide na sede do Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas (IBEA)<sup>15</sup>. Esses eventos contaram com exposições de professores da USP como o ensaísta e historiador Edgar Carone, que realizou pesquisas desde o período republicano brasileiro até o fim do Estado Novo, a cientista social Paula Beiguelman, que foi uma grande referência no pensamento de esquerda e o literário e sociólogo Antônio Cândido, que tem importantes contribuições no campo do campesinato e da crítica literária.

Na carta de Eduardo Oliveira e Oliveira datada do dia 10 de outubro de 1977, ele sugere algumas leituras bibliográficas para Marlene Cunha como a historiadora Alice de Barros Fontes, que investigou os Caifazes de Antonio Bento. Ele terminou a carta solicitando a Marlene Cunha que providenciasse um espaço para exibição do documentário intitulado o “Negro da Senzala ao Soul, na “Quinzena do Negro”<sup>16</sup>.

No mês de setembro de 1978, o pesquisador descreveu a possibilidade de realização de uma semana de estudos na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, e de um simpósio na I Bienal Latino-Americana a ser organizada em São Paulo. No dia 10 de outubro de 1978, ele escreveu sugerindo a leitura do que ele chamou de “sociólogos historicistas”. O primeiro era o professor José Cláudio Barriguelli, que desenvolveu pesquisa sobre o tema “Contribuição do negro na civilização brasileira”. O segundo era o professor Romero Mimenés Ponte, que investigou o tópico “Desigualdades raciais” por uma perspectiva gramsciana, que apresentava uma abordagem teórica contrária aos estudos de Gilberto Freyre.

A última carta foi escrita em junho de 1979. Nela, Eduardo Oliveira e Oliveira solicitou informações sobre a existência de um centro de estudos na UFRJ sobre as relações sociais, o que ele denominou de “experiência negra”. Esta interrogação remete ao fato de que ele tinha ciência da existência desse tipo de grupo de estudo na Universidade de São Carlos (UFSCAR) e no Centro Universitário do Ceará. Ele encerrou a carta destacando a sua participação em uma moção endereçada ao encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), cobrando a criação de departamentos nas universidades para o estudo das relações raciais.

As cartas do Eduardo Oliveira e Oliveira para Marlene Cunha trazem informações valiosas sobre eventos acadêmicos, centros de pesquisa e investigadores no Brasil, em particular nas regiões nordeste e sudeste. De certa maneira, as cartas permitem traçar uma cartografia preliminar da produção sobre as relações raciais na academia, no final da década de 1970. Este material foi importante na formação intelectual e política de Marlene Cunha, que posteriormente, na década de 1980, ingressou no mestrado em antropologia social na USP. Em São Paulo, Marlene Cunha conviveu com Ilka Boaventura Leite, atualmente professora titular no departamento de antropologia social na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que se recordou dela da seguinte maneira:

Por um semestre, dividi também um apartamento com Marlene de Oliveira Cunha, ex-aluna, orientanda e uma das integrantes do Grupo André Rebouças, fundado por Beatriz Nascimento no Rio de Janeiro. Marlene, uma mulher negra e militante de Niterói, estava como eu em São Paulo, ensaiando uma vida migrante e em busca de formação universitária. Ela estudava o gestual do candomblé e me levou para as aulas do professor Ruy, a quem ela tomava como uma espécie de guru. Vivendo na mesma casa com Marlene, sem saber, eu estava diante de duas histórias de mulheres intelectuais negras, Marlene e Beatriz que morreram violentamente, de forma injusta, vítimas das mesmas

<sup>15</sup> Esse pesquisador morreu no dia 10 de abril de 1974.

<sup>16</sup> A quinzena foi um dos principais eventos de debates e discussões sobre o negro que aconteceu no ano de 1978 na Universidade de São Paulo organizado por Eduardo Oliveira.

brutalidades e descasos de uma sociedade racista e misógina. Essa foi uma das lições mais duras da minha vida, sobretudo porque foi com elas e por meio delas que eu me percebi como mulher branca, ou parte de uma elite embranquecida que é sistematicamente preservada dos ataques diretos do racismo no Brasil. Esse foi um golpe muito pesado que me atingiu em cheio e aprofundou a minha percepção dos efeitos do racismo em nossa sociedade. (LEITE, 2019: 25)

O convívio com Marlene Cunha permitiu à antropóloga Ilka Leite auto reconhecer-se como branca ao mesmo tempo que entrar em contato com o trabalho do GTAR e de intelectuais como Beatriz do Nascimento. A morte prematura de ambas as pesquisadoras na década de 1980, por sua vez, não diminuiu a relevância das articulações políticas e acadêmicas realizadas por essas pesquisadoras para inserção do debate racial nas universidades públicas, como é possível visualizarmos brevemente nesse conjunto limitado de cartas analisadas nesta seção.

Contudo, podemos nos perguntar sobre a razão pela qual a trajetória e a obra de Marlene Cunha, que estabeleceu ao longo da vida interlocuções com vários pesquisadores, permaneceu tanto tempo silenciada nas ciências humanas, em particular na antropologia brasileira. Um caminho para refletirmos esse tema remete ao que Trouillot (1995) chamou de “silenciamentos do passado”, isto é, a constatação de que toda narrativa histórica está permeada de relações de poder que tem como pretensão criar um regime de verdade, que exclui sujeitos subalternizados. Além do mais, ele é “um processo ativo e transitório: silencia-se um fato ou uma pessoa como um silenciador silencia uma arma de fogo. A prática de silenciamento exige engajamento” (ibid, 1995: 85).

Como discutiremos na seção seguinte, essa prática de silenciamento aludida por Trouillot sempre foi contrabalanceada pelo movimento negro universitário. Assim, no caso da Marlene Cunha e outros intelectuais negros, veremos como os coletivos que surgiram após aprovação das ações afirmativas, evocam a memória desses sujeitos na construção de pedagogias negras.

## Experiências de pedagogias negras

Nota-se que a trajetória da pesquisadora Marlene Cunha foi marcada pelo questionamento da estrutura racial que organiza a sociedade brasileira, uma situação que continua merecendo críticas mesmo após a abertura democrática no final da década de 1980. Podemos refletir sobre essa questão a partir da seguinte colocação da Marlene Cunha acerca da relação com o seu orientador de mestrado, João Batista Borges Pereira:

Ao término de nossa primeira entrevista, constrangida, me perguntava da validade de eu, negra, trabalhando com a questão racial, ser orientada por um professor branco. Fiquei um bom tempo pensando o que conversaria com ele a respeito das relações raciais no Brasil, uma vez que ele representava o outro, o opressor, o dominador, o criador da ideologia racista, aquele que nega a minha existência. Entretanto, Borges Pereira se dispôs a cooperar para que eu pudesse ter um instrumento teórico de análise que me conferisse não só uma maior compreensão do meu universo, como também, condições de atuar denunciando as injustiças que tem por vítima o negro brasileiro. (CUNHA, 1986: 11)

Apesar de ter estabelecido uma relação amistosa com o orientador, Marlene Cunha ponderou sobre os limites dessa interação, envolvendo-a, na condição de mulher negra, e o seu professor, um homem branco, discutindo o tema racial. Percebe-se pela trajetória da pesquisadora, uma mulher negra de origem humilde, que essa reflexão permite atravessar os domínios da classe social, gênero e raça, isto é, do que convencionou-se chamar de estudos de interseccionalidade

(CRENSHAW, 2012). Por outro lado, ela foi à primeira integrante da família a ingressar na universidade na condição de estudante, que é uma trajetória comum a vários cotistas negros.

No Brasil, às primeiras universidades a implementarem reserva de vagas para estudantes negros e egressos de escolas públicas foram à Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e à Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), ambas no ano de 2002, e à Universidade Estadual da Bahia (UNEB), no ano de 2003. Nesse mesmo período, foi instituída a obrigatoriedade do ensino da história da África no currículo escolar (Lei n. 10.639/03), e à política de ações afirmativas para indígenas e negros na Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal do Alagoas (UFAL) e Universidade de Brasília (UnB)<sup>17</sup>.

Essas políticas incidiram sobre a formação escolar e particularmente sobre o ingresso de estudantes negros na graduação em universidades estaduais e federais públicas. Elas são resultantes de uma longa agenda de mobilização do movimento negro brasileiro que, como expressou Nilma Gomes (2012), buscaram ressignificar e politizar a noção de raça para ação política, visando uma educação emancipatória, isto é, comprometida com a diversidade e o combate as desigualdades. Nessa chave analítica, é possível discutirmos o papel do coletivo Marlene Cunha, formado por estudantes negros do programa de antropologia social do Museu Nacional, no ano de 2017<sup>18</sup>.

É importante destacar que, no ano de 2012, o PPGAS foi à primeira instituição federal de ensino superior a implementar uma política de ações afirmativas na pós-graduação para estudantes autodeclarados negros e indígenas (VENTURINI, 2019: 75)<sup>19</sup>. Nesse período, o Museu Nacional contou com o apoio da Fundação Ford, mesma instituição que deu suporte ao GTAR e outros coletivos negros na década de 1970 e 1980.

De maneira geral, os estudos sobre a implementação das ações afirmativas no programa de antropologia social do Museu Nacional tendem a enfatizar a baixa expressividade desses segmentos a nível discente e docente, trazendo poucas informações sobre a organização dos estudantes negros e indígenas do programa em favor da elaboração e instituição dessa política (VENTURINI, 2017; 2019; GOLDMAN e BANAGGIA, 2017). As ações do coletivo Marlene Cunha, porém, permitem traçar uma narrativa com maior profundidade histórica sobre as ações afirmativas no Brasil, em particular em relação à conexão desse coletivo com os trabalhos do GTAR.

Cinco anos depois da aprovação da política no Museu Nacional surgiu o coletivo Marlene Cunha, que tem como um dos membros fundadores o filho da pesquisadora, João Alípio Cunha, doutorando em antropologia social no Museu Nacional. Atualmente, o coletivo Marlene Cunha é composto por 35 pós-graduandos em antropologia social, todos integrantes negros na faixa etária entre 24 e 38 anos. Ele é formado por 25 mulheres e 10 homens. A maior parte dos membros nasceram fora do Rio de Janeiro, em estados como Maranhão, Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Goiás, Alagoas e Brasília. Por outro lado, àqueles que nasceram no Rio de Janeiro são da baixada fluminense e do interior do estado.

<sup>17</sup> Ver “Manifesto em defesa da justiça e constitucionalidade das cotas” (2008). A lei n. 10.639/03 não contemplou o ensino superior (SANTOS, 2005: 34).

<sup>18</sup> Como discutem Antônio Sérgio Guimarães, Flávia Rios e Edilza Sotero (2020), o termo “coletivo” foi adotado pelas organizações negras universitárias no período pós implementação de cotas raciais, tendo como referência provavelmente os coletivos negros feministas da década de 1970 e 1980 articulados de maneira horizontal. No mesmo período, o GTAR estava organizado em cargos, com mulheres ocupando a presidência.

<sup>19</sup> A UNEB adotou cotas na pós-graduação ainda em 2002.

A heterogeneidade do coletivo é resultado em especial de um curso preparatório que surgiu no ano de 2017 no Rio de Janeiro, articulado pelo coletivo Marlene Cunha em parceria com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET). Trata-se de um grupo de estudo gratuito, organizado de maneira pioneira no Brasil por pós-graduandos negros em antropologia do Museu Nacional, oferecido aos cotistas negros interessados em cursar o mestrado e doutorado no programa.

Os próprios membros do coletivo Marlene Cunha e parceiros eventuais, como estudantes negros egressos do programa, ministram as aulas para os alunos do curso, com base na bibliografia do processo seletivo. Até o ano de 2020, foram organizadas quatro edições do curso preparatório, que abrangeram 314 estudantes, majoritariamente mulheres (59%), de várias faixas etárias. É importante destacar que, ao longo de quatro anos, o coletivo atendeu estudantes de mais de 16 estados brasileiros e de alguns países como Cuba e Peru, tendo aprovado cerca de 30 estudantes no Museu Nacional, como o caso de uma doutoranda que, entrou no programa no ano de 2018<sup>20</sup>:

*Ter participado do preparatório organizado e oferecido pelo Coletivo Marlene Cunha foi fundamental para minha aprovação no concurso para o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRJ. Eu me graduei em Artes Visuais e tive pouco contato com textos antropológicos durante o curso. Cheguei no preparatório “crua”. Não conhecia nenhum dos autores que constavam na bibliografia e por essa pouca experiência acreditei que não teria muito sucesso. Quando cheguei à primeira aula minhas impressões mudaram. Estar numa sala toda formada por pessoas negras, algumas facilitando a compreensão dos textos, outras dispostas a debater e a se apropriar do conhecimento oferecido, foi comovente. Ali estivemos por algumas semanas em comunidade, nos aquilombando, nos fortalecendo. Éramos todos negros nos esforçando em prol de algo maior que uma aprovação individual, mas o fortalecimento da presença negra no espaço de poder que a academia representa. (doutoranda, comunicação pessoal, 16 de maio de 2018)*

Partindo da trajetória da Marlene Cunha, destacamos o desconforto que ela sentiu na década de 1980 em relação ao seu orientador, um homem branco, no que tange a discussão da temática racial. É importante contrastar o enunciado da pesquisadora com o da doutoranda, que foi acolhida em uma sala de aula “formada por pessoas negras”, desde os “facilitadores”, isto é, os membros do coletivo Marlene Cunha responsáveis pela exposição da bibliografia, até os estudantes do curso que se organizaram para debater os textos entre si. Nesse último caso, é comum a articulação dos estudantes em grupos de solidariedade no WhatsApp, onde compartilham angústias e dúvidas gerais sobre o processo seletivo.

<sup>20</sup> As edições do curso preparatório de 2017, 2018 e 2019 tiveram modalidade presencial no Rio de Janeiro com o apoio do NEAB do CEFET, que cedeu salas de aula para o coletivo Marlene Cunha, além de modalidade remota, com os estudantes de outros estados recebendo gravações das aulas via e-mail. No ano de 2020, em função da pandemia de COVID-19, as aulas foram exclusivamente remotas.



Imagem 02: Aula inaugural do curso preparatório para os candidatos negros ao mestrado em antropologia social no Museu Nacional, organizado pelo coletivo Marlene Cunha, no CEFET- RJ.

Pensando novamente a partir do relato da doutoranda, é importante sublinharmos a mudança de autoestima dos estudantes negros durante o curso preparatório do Marlene Cunha. Como ela mencionou, tendo cursado artes antes de investir na antropologia, disciplina que ela disse ter tido pouco contato anteriormente, o grupo de estudos foi importante no processo dela ganhar maior confiança para realização da prova no Museu Nacional. Porém, é comum os candidatos negros desistirem no meio do caminho ou nem tentarem a seleção no programa de antropologia por uma série de questões. Por essa razão, é urgente a criação de uma rede de solidariedade envolvendo coletivos negros universitários, para que os estudantes tenham o apoio necessário caso expressem o desejo de realizarem novos processos seletivos, não somente no Museu Nacional como em outras instituições públicas<sup>21</sup>.

É importante assinalar que houve casos de estudantes que realizaram o curso do Marlene Cunha, que mesmo não ingressando no Museu Nacional, tomaram a iniciativa de organizar grupos de estudos em outras universidades<sup>22</sup>. Por outro lado, alguns membros do coletivo Marlene Cunha engajaram-se também na organização de cursos preparatórios para estudantes negros em diferentes cursos e universidades no Rio de Janeiro, como no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ), no Programa de Antropologia da UFF e no Programa de Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS/UFRJ).

<sup>21</sup> No ano de 2016, foi organizado o “Encontro de Estudantes e Coletivos Negros” na UFRJ que resultou numa série de diretrizes de ações para o combate ao racismo, machismo e sexismo no âmbito acadêmico.

<sup>22</sup> Este é o caso do coletivo Zora Hurston criado por um grupo de pós-graduandos negros em Antropologia Social da Universidade de Brasília (UnB) no ano de 2017. No ano de 2020, eles organizaram um primeiro curso preparatório gratuito para candidatos negros interessados no curso de mestrado e doutorado do programa. Um dos idealizadores da iniciativa já tinha realizado o curso do Marlene Cunha anteriormente.

## Formação de novos coletivos e parcerias

O coletivo Marlene Cunha surgiu com o objetivo de promover o acesso e permanência de estudantes negros no programa de antropologia do Museu Nacional, que é o mais antigo e prestigiado do Brasil<sup>23</sup>. Nos últimos quatro anos, o coletivo organizou - além do curso preparatório - um conjunto de seminários de grande relevância científica. Dentre eles, destacamos a aula inaugural do programa de antropologia social com o professor Kabengele Munanga, articulada no ano de 2018 em parceria com a coordenação do programa, um evento que reuniu centenas de pessoas no Museu Nacional. Tratou-se da primeira vez que esse antropólogo, especialistas em relações raciais e com formação em antropologia na USP (sob orientação do mesmo professor da Marlene Cunha), esteve no Museu Nacional<sup>24</sup>.

Os seminários do coletivo Marlene Cunha seguem o mesmo ideal das semanas de estudo organizados pelo GTAR no regime militar, isto é, de circulação de epistemologias negras na universidade pública, que é um espaço de conhecimento ainda marcado pelo eurocentrismo. É possível imaginarmos o GTAR como uma organização que antecedeu a formação dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB), que tem um protagonismo de mestres e doutores negros, em colaboração direta ou indireta com pesquisadores brancos. Por outro lado, outras iniciativas relativamente recentes tiveram inspiração no GTAR, como a criação no ano de 2005 dos “Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira (PENESB)” pela Iolanda de Oliveira, em parceria da Márcia Pessanha, ambas professoras da UFF, que realizaram seminários e cursos de extensão para universidades e escolas públicas para discussão da temática racial<sup>25</sup>.

No ano de 2021, o coletivo Marlene Cunha foi contemplado na lei Aldir Blanc (decreto 10.489/20), destinado a produtores e coletivos culturais. O projeto selecionado teve como mote a discussão das ações afirmativas e da lei n. 10. 639/03 nas escolas públicas.<sup>26</sup> Tanto o PENESB quanto a iniciativa de Marlene Cunha demonstram a atualidade e importância das práticas pedagógicas do GTAR no âmbito universitário e desdobramentos possíveis para as escolas. Trata-se, como afirma Alex Ratts (2011), de ações que fortalecem “territórios negros em espaços brancos”, abrindo espaço para grupos de estudos, pesquisa e coletivos negros na graduação e pós-graduação atuarem dentro e fora do ambiente acadêmico.

## Conclusão

Abrimos o presente artigo expondo uma foto do acervo da Marlene Cunha durante a sua formatura de magistério no início da década de 1970. Como é possível ver, ela foi a única estudante negra na cerimônia, fato que diz bastante sobre as desigualdades raciais no Brasil. Buscamos discutir neste trabalho a trajetória intelectual e política dessa pesquisadora, que contribuiu na formação do Grupo

<sup>23</sup> O Museu Nacional é uma instituição bicentenária de pesquisa no Brasil, que deu pouca atenção à produção intelectual negra ao longo da sua história.

<sup>24</sup> No ano de 2020, o professor Kabengele Munanga recebeu o título de doutor honoris causa pela UFRJ.

<sup>25</sup> A professora Iolanda Oliveira é uma antiga integrante do GTAR. Durante o seminário “43 anos do GTAR: ainda em busca de um espaço”, organizado no ano de 2019, ela mencionou a importância da Marlene Cunha e do GTAR para elaboração dos cursos de extensão e seminários do PENESB.

<sup>26</sup> O projeto do coletivo Marlene Cunha “papo reto: cultura negra e ações afirmativas nas escolas”, foi realizado no mês de abril de 2021 e consistiu na organização de um debate on-line, em função da pandemia de Covid 19, com professores, estudantes cotistas negros e indígenas e professores negros de diferentes instituições.

de Trabalho André Rebouças (GTAR) na ditadura militar e de coletivos Marlene Cunha no período democrático.

Primeiro, apresentamos a relevância da “casa da Marlene” como um espaço de acolhimento e proteção dos estudantes negros num período de grande repressão do Estado. Indicamos também como esse espaço foi fundamental para criação de pedagogias negras, que foram utilizadas pelo GTAR durante as “Semanas de Estudos sobre o Negro na Sociedade Brasileira”. Estes encontros propiciaram um canal novo de comunicação envolvendo pesquisadores e estudantes negros, resultando na elaboração de cadernos de estudos, livros, folhetos e um amplo leque de publicações.

Em seguida, destacamos o protagonismo da Marlene Cunha no estabelecimento de parcerias para o GTAR. Nesse sentido, essas articulações auxiliaram no fortalecimento institucional do grupo e no contato maior com pesquisadores no Brasil e no exterior. As cartas descritas no acervo pessoal da antropóloga oferecem uma cartografia da produção sobre relações raciais no Brasil, em particular no eixo sudeste e nordeste. Este material é significativo para organização dos coletivos negros dentro e fora da academia no presente, merecendo ainda uma maior investigação e divulgação científica.

Passando então à segunda foto do artigo, mostramos a organização recente do coletivo Marlene Cunha e as impressões de uma aluna que passou no exame de seleção de antropologia social do Museu Nacional, após realizar o curso preparatório desse coletivo. É nítida a diferença entre o número de alunos negros nessa foto e àquela no início do texto. Desejamos salientar com isso, que o maior número de estudantes negros acessando atualmente as universidades não é uma dádiva do Estado, porém, resultado de um árduo trabalho coletivo dos negros, capaz de romper processos históricos de silenciamentos.

*Recebido em 14 de junho de 2021.*

*Aceito em 30 de agosto de 2021.*

## Referências

- ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araújo. *Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Pallas/CPDOC-FGV, 2007.
- BANAGGIA, Gabriel e GOLDMAN, Marcio. A política da má vontade na implantação das cotas étnico-raciais. *Revista de Antropologia (USP)*, 60 (1), 2017.
- BARBARA, Rosamaria. *Dança das Aiabás: dança, corpo e cotidiano das mulheres do candomblé*. Tese (Livre docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, USP, 2002.
- CARVALHO, José Jorge. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. *Revista da USP*, 68: 88-103, 2006.
- CUNHA, João Alipio. Em busca de um espaço: a linguagem gestual no candomblé de Angola. À memória de Marlene de Oliveira Cunha. *Cadernos de Campo*, 6 (1), 2017.
- CUNHA, Marlene et al. (orgs.). *Cadernos de Estudos da IV Semana de Estudos sobre o negro na formação social brasileira*. Niterói: UFF, 1979.
- CUNHA, Marlene. *Em busca de um espaço: a linguagem gestual no candomblé de Angola*. Dissertação - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 1986.
- CUNHA, Marlene; CUNHA, João Alipio. “Dançando pro santo: um estudo de gestualidade no Candomblé de Angola do Rio de Janeiro”. In: ACSELRAD, Maria; GARRABÉ, Laure (orgs.). *Campo de Forças: olhares antropológicos em dança e antropologia*. Belém: PPGARTES/UFPA, 2020.
- FRY, P.; VOGT, C. A.; GNERRE, M. A comunidade do Cafundó, Mafambura e Caxapura: na encruzilhada da identidade. *Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas*, 6: 111–128, 2012.
- GLISSANT, Édouard. *El discurso antillano*. Havana: Editora Casa de las Américas, 2010.
- GOMES, Flavio; IORUBA, Togo (Gerson Teodoro); MARTINS, Sandra. Redemocratizando na raça: sobre memórias, intelectuais negros e movimentos sociais contemporâneos. *Revista História: Questões e debates (UFPR)*, 63: 195-210, 2015.
- GOMES, Nilma. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. *Educação e Sociedade*, 33 (120): 727-744, 2012.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio; SOTERO, Edilza; RIOS, Flavia. Coletivos negros e novas identidades raciais. *Novos estudos CEBRAP (Dossiê Raça, Desigualdades e políticas de inclusão)*, 39 (2): 309-327, 2020.
- HASENBALG, Carlos. *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- LEITE, Ilka Boaventura. Memorial de concurso para professor titular – Carreira de Magistério Superior. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, Maio, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. *Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias da destruição*. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

RABELO, Miriam. *Enredos, feitura e modos de cuidado: dimensões da vida e da convivência no candomblé*. Salvador: EDUFBA, 2014.

RATTS, Alex. Corpos negros educados: notas acerca do movimento negro de base acadêmica. *NGUZU: revista do Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos*, 1 (1): 28-39, 2011.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

SILVA, Sandra Martins da. *O GTAR (Grupo de Trabalhos André Rebouças) na Universidade Federal Fluminense: memória social, intelectuais negros e a universidade pública (1975/1995)*. Dissertação (Mestrado em História Comparada), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

TRAPP, Rafael. *O Elefante Negro: Eduardo de Oliveira e Oliveira, raça e pensamento social no Brasil*. Tese (Doutorado em História). UFF, Niterói, 2018.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o Passado: Poder e a Produção da História*. Curitiba: Huya, 2016, 263p.

VENTURINI, Anna. *Ação afirmativa na pós-graduação: os desafios da expansão de uma política de inclusão*. Tese (Doutorado em Ciência Política), Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

VENTURINI, Anna. Formulação e implementação da ação afirmativa para pós-graduação do Museu Nacional. *Cadernos de Pesquisa* 47 (166), 1292-1313, 2017.

ANEXOS  
Cartas do acervo pessoal da Marlene Cunha  
(1976-1978)

São Paulo, 7 de abril de 1976 -

À Equipe Organizadora da UFF

No momento em que recebi a carta daí do Rio passava por um problema de saúde por demais agudo. Depois surgiram problemas no nível do trabalho por demais complexos para se poder assumir qualquer compromisso. Somente hoje estes aspectos ficaram mais claros. Assim sendo, a coisa põe-se da seguinte maneira. Tenho inúmeras atividades a cumprir por cá, em São Paulo no mês de maio, começando por dez dias de estudos dedicados a Roger Bastide, com representantes internacionais, começando a 4 e terminando, creio a 11, devendo eu participar de um dos dias, creio que no dia 4, mas devendo estar presente a todas as sessões ....

Para que dia vocês programaram a semana de estudos ..... Poderiam informar-me para que eu possa então responder afirmativamente ou não ?

Ademais estou também pretendendo realizar por cá por São Paulo um tipo de mostra de documentos e algo ligado também ao 13 de maio .....

Bem, aguardo o quanto antes toda e qualquer informação que seja possível dar-me ....

Antecipadamente agradecido,

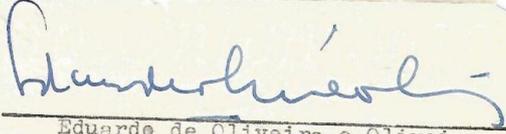
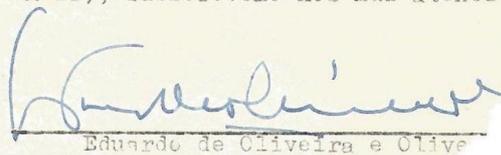
  
Eduardo de Oliveira e Oliveira

Figura I. Eduardo Oliveira e Oliveira comenta com Marlene Cunha sobre um evento em São Paulo dedicado ao estudo de Roger Bastide e solicita dados sobre a organização da Semana do GTAR na UFF (7 de abril de 1976).

São Paulo, 5 de maio de 1976 -

Prezados Senhores :

Infelizmente, devido a uma imprecisão nas datas, e uma série de trabalhos a serem feitos aqui em São Paulo, somente agora posso dar uma resposta concreta sobre a participação aí no Rio. Estamos durante esta semana atravessando quase que diariamente encontros a nível nacional e internacional, celebrando "Roger Bastide" ..... Dias 13, 20 e 25 temos, programado pelo Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas apresentações da seguinte ordem, Edgar Carone, Paula Beiguelman e Antônio Cândido, dia 23 uma conferência em Campinas e dia 1º de junho uma mesa redonda em São Paulo. Tudo isto levou-nos a concluir que seria impossível dividir-me-nos, o que acarretaria tanto aí como aqui, uma participação deficitária. Desculpando-nos não tanto pelo atraso na resposta (pois estávamos empenhados em ir), subscrevemo-nos mui atentamente,



Eduardo de Oliveira e Oliveira

Figura 2. Eduardo Oliveira e Oliveira descreve à Marlene Cunha uma série de encontros em Campinas e São Paulo em homenagem a Roger Bastide no Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas (5 de maio de 1976).

São Paulo, 10 de outubro de 1977 -

Marlene :

Estive fora do país de 25 de agosto até sábado, dia 8. Recebi suas duas cartas e ainda esta semana mandarei o nome de minha comunicação e na próxima a própria comunicação,. Se bem que estou atrefadíssimo .

Sugiro como comentadora uma outra historiadora - Alice de Barros Fontes - Rua Manoel da Nobrega 1518 - Ibirapuera-São Paulo . Ela fez o mestrado com um estudo sobre "Os Cai-fazes de Antonio Bento" e é muito inteligente e jovem .

Por favor - me informa quem estará presente .

Com um abraço de até breve ....

Eduardo

Atenção - Foi feito um magnífico video-tape durante a "Quinzena do Negro" intitulado - "O Negro da Senzala ao Soul" ... Consiga uma televisão e um aparelho video-tape para passar durante a semana de estudos .... Faça a maior força para isto. O trabalho merece ser visto .

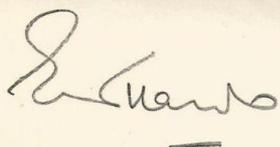


Figura 3. Eduardo Oliveira e Oliveira indica à Marlene Cunha leituras bibliográficas e documentários para exibição e debate nas Semanas de Estudo de GTAR.

CUNHA, João Alípio; SILVA, Rafael Moreira Serra da.  
Da "casa da Marlene" para universidade

São Paulo, 14 de setembro de 1978 .

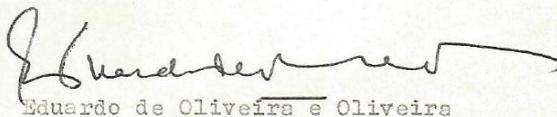
Ao "Grupo de Trabalhos André Rebouças"  
Rua Lemos Cunha 485 -C./3  
Icaraí  
Niterói -R.J. -Cep.24.000

Prezados Senhores

Acabo de receber uma segunda carta me convidando para os trabalhos organizado por esse grupo a ter lugar em novembro próximo, de 23 a 26. Minha resposta está ligada a compromissos anteriores ainda não totalmente esclarecidos como uma semana de estudos em Natal, Rio Grande do Norte e minha participação na I Bienal Latino Americana, a realizar-se em São Paulo e agora concretizada para de 3 a 6 de novembro os simpósios.

Tão logo fique esclarecido a questão de Natal, o que aguardarei até fim da semana próxima, ou seja, dia 23, mandarei minha confirmação assim como o assunto de que tratarei.

Sem mais para o momento, mui cordialmente



Eduardo de Oliveira e Oliveira

Rua Sabará 424-8º  
Higienópolis  
01239-São Paulo/S.P.

Figura 4. Eduardo Oliveira e Oliveira citou à Marlene Cunha a possibilidade de organização de um evento na cidade de Natal (RN) e um simpósio na I Bienal Latino-Americana em São Paulo (14 de setembro de 1976).

São Paulo, 10 de outubro de 1978 .

À Srta. Marlene de Oliveira Cunha  
Rua Lemos Cunha 485 C.3 - Icarai  
Niterói - RJ - Cep. 24.000

Prezada Marlene

Somente hoje realmente tenho tempo de responder sua solicitação. Realmente não me sobra tempo de preparar nada já que tenho também atividades a realizar aqui por São Paulo em novembro além de pretender ir ao norte do país - Natal. Entretanto arranjei duas pessoas que são excepcionais como pensadores teóricos e rebatedores, e assim saímos um pouco das caras costumeiras.

São eles sociólogos historicistas. Um José Cláudio Barriguelli, doutor, que escolheu o tema "Contribuição do Negro na Civilização Brasileira", e o outro Romero Mimenés Ponte que fica com o tema "Desigualdades Raciais" e que o tratará, enfocando "Gramsci e a questão racial" como abordagem teórica, voltado para a posição de Gilberto Freyre e esta criticada da perspectiva de Gramsci. Me parece que já é hora de se apresentar textos teóricos.

Os endereços são os seguintes:

Dr. José Cláudio Barriguelli  
Univ. Federal de São Carlos  
Centro de Educação e Ciências Humanas  
Depto. de Fundamentos Científicos da Educação  
Via Washington Luiz KM 235 CP 384 - CEP 13.560 - São Carlos-S.P.  
Fone 4951 - 4952 - 4953 - R. 144

Romero Ximenes Ponte  
Alameda Nethman, 1020 - Ap. 14  
01216 - São Paulo - S.P.

Por hoje um grande abraço e me avisem de tudo,

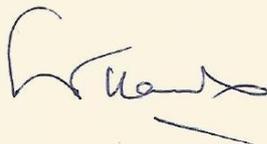


Figura 5. Eduardo Oliveira e Oliveira sugere à Marlene Cunha leituras bibliográficas de sociólogos para às Semanas de Estudo do GTAR. (10 de Outubro de 1978).



## Universidade Federal de São Carlos

Centro de Educação e Ciências Humanas  
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS CIENTÍFICOS E FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO  
Via Washington Luiz, km 235 - Cx. postal 384  
13560 - São Carlos - SP.

### Setor Brasileiro-Africano de Estudos e Documentação

São Paulo, 10 de junho de 1979 .

À Srta. Marlene de Oliveira Cunha  
Grupo de Trabalhos André Rebouças  
Rua Lemos Cunha 485 A c/ 3  
Icaraí - Niterói  
Rio de Janeiro

Prezada Srta. Marlene

O propósito desta é pedir informes sobre a existência ou não de um Setor ou Centro junto à Universidade Federal do Rio de Janeiro, pois, no próximo encontro em Fortaleza da S.B.P.C., consta na agenda uma moção solicitando a criação de departamentos para o estudo da experiência negra no Brasil. Temos a intenção de informar o número existente de instituições que já incorporam este tipo de experiência. Segundo informações que temos, além do Setor, incorporado já à Universidade de São Carlos, sabemos da existência de um outro Centro na Universidade do Ceará. Precisamos, se possível, ter dados concretos de como o trabalho está sendo feito junto à Universidade Federal e quem está a frente do mesmo, para que possamos entrar em contato.

Aguardando uma breve informação por parte de V.Sa. ,  
subscrevemo-nos mui atenciosamente

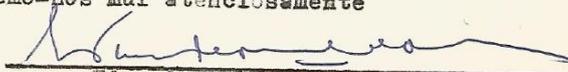
  
Eduardo de Oliveira e Oliveira

Figura 6: Eduardo Oliveira e Oliveira solicitou à Marlene Cunha informações sobre a existência de um centro de estudos na UFRJ sobre as relações sociais, o que ele denominou de “experiência negra”. Relatou também a existência de um grupo de estudo na Universidade de São Carlos (UFSCAR) e no Centro Universitário do Ceará (10 de junho de 1979).